

Mestrado e Doutorado no Brasil: estamos formando pesquisadores ou inflando currículos?

Por Enilton F. Rocha

A discussão não é nova. **Mas continua atual e incômoda.**

Desde a criação da CAPES, Decreto 29.741/51, de 11/07/1951, o sistema de pós-graduação brasileiro oscilou entre avanços estruturais importantes e contradições difíceis de ignorar: concepção formativa, propósito curricular e, principalmente, conexão (ou falta dela) com o setor produtivo.

Entre 2019 e 2022, coordenando dois grupos independentes de estudo sobre a oferta de mestrado e doutorado EaD no Brasil, um deles com pesquisadores estrangeiros, mergulhei em dados nacionais e internacionais. O que descobrimos foi desconfortável.

Alguns pontos que emergem em destaque:

- Há resistência social quanto ao processo formativo de muitos programas e sua aderência à realidade brasileira.
- Predomina uma cultura acadêmica endógena. Forma-se, majoritariamente, para a docência. O ciclo se retroalimenta: orientador forma orientando que retorna à mesma lógica institucional.
- Em alguns casos, o “capital simbólico” do orientador pesa mais que o percurso formativo. Criam-se círculos fechados de produção, com pensamento excessivamente coeso — e pouco tensionado.
- O sistema de avaliação e financiamento prioriza volume. Resultado? Lattes hipertrofiados, muitos artigos publicados e pouco impacto percebido pela sociedade.
- Cresce a corrida por periódicos — nem todos com padrões éticos e científicos robustos.

Quando comparamos com países onde a pós-graduação dialoga diretamente com inovação, indústria e desenvolvimento econômico, a distância é evidente. Aqui, ainda são poucos os projetos *stricto sensu* com forte integração ao mundo produtivo.

Não é regra absoluta. Mas os dados, relatos e análises apontam fragilidades estruturais:

- Baixa produção de patentes
- Pouca competitividade internacional
- Excesso de burocracia
- Distanciamento histórico das demandas nacionais

E há outro ponto sensível.

A resistência velada à expansão de mestrado e doutorado na modalidade EaD e profissionais. Exigências excessivas, insegurança jurídica e um ambiente regulatório pouco estimulante reduzem drasticamente o interesse institucional, especialmente nos setores privado e produtivo, e aumentam a distância entre a pesquisa e a expectativa da sociedade.

Enquanto países desenvolvidos ampliam a oferta stricto sensu em modelos híbridos e a distância, sem perder qualidade, aqui temos praticamente inexistência de escala nessa modalidade.

Nesse sentido, Prearo, Leandro (2026), apresenta alguns dados interessantes sobre este tema:

"na Europa, o doutorado fora da universidade deixou de ser exceção há décadas. Na Dinamarca, cerca de 8 a 10% dos doutorados seguem o modelo industrial, com dupla supervisão, financiamento compartilhado e exigência de tese científica completa.

Na Alemanha, estimativas indicam que entre 30% e 40% dos doutorados são desenvolvidos em cooperação direta com empresas ou institutos de pesquisa aplicada, como os centros Fraunhofer. Na França, o programa CIFRE responde por aproximadamente 10% da formação doutoral. No Reino Unido, os Professional Doctorates já representam mais de 20% dos novos doutorados em algumas áreas.

O ponto comum desses modelos é claro. O doutorado deixa de ser definido pelo lugar onde ocorre e passa a ser definido pelo tipo de problema que enfrenta e pelo rigor metodológico com que o enfrenta. Em países da OECD, mais da metade dos doutores atua fora da academia, integrando sistemas produtivos, políticas públicas e ecossistemas de inovação."

E então surge a pergunta que não quer calar:

Por que há tão pouco investimento estratégico em mestrado e doutorado profissionais?

Se o país precisa urgentemente de:

- ✓ Produtividade
- ✓ Emprego
- ✓ Renda
- ✓ Empreendedorismo
- ✓ Pesquisa aplicada
- ✓ Desenvolvimento sustentável

Talvez o debate não seja "se" devemos expandir.

Mas como redesenhar o modelo para que a pós-graduação seja, de fato, vetor de desenvolvimento nacional.

Formar mestres e doutores é essencial.

Mas formar mestres e doutores conectados ao futuro do país é estratégico e urgente.